

## **O PRONERA: 20 anos de lutas, conquistas e desafios à Educação do Campo**

**Entrevista: Clarice Aparecida Santos**  
Universidade de Brasília

Úrsula Adelaide de Lélis<sup>1</sup>  
Universidade Estadual de Montes Claros

Maria Auxiliadora Amaral S. Gomes<sup>2</sup>  
Universidade Estadual de Montes Claros

---

CLARICE APARECIDA SANTOS é Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Educação do Campo e Desenvolvimento (UnB). Pedagoga pela Universidade de Ijuí (UNIJUÍ). Professora da Faculdade de Educação (UnB). Analista em Reforma e Desenvolvimento Agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), de 2006 a 2015. Coordenadora Geral de Educação do Campo e Cidadania e Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), de 2007 a 2014. Membro do Núcleo de Estudos Agrários (NEAGRI/CEAM). Principais áreas de pesquisa: Políticas Públicas e Educação do Campo.

---

**Hoje, 20 anos depois da criação e adoção da expressão Educação do Campo, o que mudou e o que ainda é desafio para a afirmação desta concepção de Educação e de Campo, no Brasil?**

**Clarice Aparecida Santos** - Desse conceito de Educação do Campo, uma das coisas que mudou, efetivamente, foi a própria concepção dos camponeses em relação à educação, porque isto não era uma coisa que fosse do universo do campesinato. A educação era uma coisa distante, educação era algo que estava fora das perspectivas. A perspectiva do campesinato, de quem vive no Campo, era no máximo 2, 3 anos de escolaridade, 4,5 anos de escolaridade, como é ainda a média de escolaridade, até hoje. A Educação do Campo afirmou nesse imaginário de quem vive no Campo de que estudar é possível, estudar é parte da sua vida; estudar, como para todas as pessoas, é um direito, e isto, fundamentalmente hoje, a gente pode afirmar ainda isto;

---

<sup>1</sup> Professora dos Departamentos de Educação e de Métodos e Técnicas Educacionais – Unimontes. Doutora em Educação – UFU. *E-mail.* ursulalelis@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Métodos e Técnicas Educacionais – Unimontes. Doutora em Educação – UFMG. *E-mail.* mauxiliadoraamaral@gmail.com

a gente pode afirmar que isto está na consciência. Se não é realidade ainda, é outra questão, isto não faz parte dessa dimensão que nós estamos tratando aqui, mas, os camponeses lutarem por educação, se organizarem para lutar por educação, procurar as universidades – a naturalidade desse processo hoje de procurar as universidades –, procurar os professores para construir um projeto pedagógico para fazer um curso, seja de pedagogia, seja de direito, seja de agronomia, isto já não é algo extraordinário, como já foi fora do padrão.

Fundamentalmente é isto, porque isto é fundante, é significativo, é profundo nesta concepção, porque ela é determinante de todo o mais que você vá construir. Se os camponeses não tivessem tomado essa consciência e tomado nas mãos isto, como sentir-se no seu dever de lutar por isto, porque é um direito, a gente não teria Educação do Campo. É isto que afirma a Educação do Campo: estar no universo daqueles que vivem no Campo. Ela não estava; hoje está.

Se a primeira grande mudança em relação à Educação do Campo foi os camponeses terem a consciência do direito à educação e lutarem por ela, o desafio continua. Isto nós construímos com as organizações e os movimentos sociais populares e sindicais. E o que conquistamos até aqui foi o que nós tivemos condições de conquistar até aqui. Nós conquistamos o Pronera, conquistamos uma política nacional de formação de educadores que é a licenciatura em Educação do Campo, e conquistamos algumas políticas. O grande desafio daqui para frente é fazer esta educação chegar na escola, no chão da escola. Porque os sistemas de ensino não incorporaram esses princípios, essa concepção de educação que a Educação do Campo traz, e sequer o direito à educação dos povos do Campo, porque nós acompanhamos um percurso padrão de fechamento de turmas, de fechamento de turnos, e de fechamento das escolas do Campo. Na minha opinião, o nosso grande desafio é fazer essa educação que está nas universidades, que está nos institutos federais, não de forma tão expressiva, mas ela está, é fazê-la chegar no chão da escola. Ela ser uma pedagogia reconhecida pelos sistemas de ensino.

**No contexto desses 20 anos de caminhada, qual a sua avaliação sobre o papel e o desempenho do Pronera, para a afirmação, crescimento e avanço da Educação do Campo?**

**Clarice Aparecida Santos** - O Pronera foi fundamental nesse processo. Se a gente não tivesse construído o Pronera como uma política pública que deu legitimidade, abriu espaço... O Pronera estando em uma instituição como o Incra, por exemplo, que é uma instituição pública,

abriu possibilidades de entrar nas universidades, entrar nas instituições formadoras, nas agências formadoras, como a gente chama.

O Pronera com um financiamento próprio da Pedagogia da Alternância, da modalidade de alternância, permitiu que estes cursos existissem com a concepção político-pedagógica da Educação do Campo. Porque eu afirmo isto, que não existiria Educação do Campo sem o Pronera? Porque você precisa de materialidade. Todas as pedagogias progressistas – tanto a pedagogia histórico-crítica quanto a pedagogia marxista, ou a pedagogia socialista –, elas são movimentos, basicamente, são movimentos acadêmicos que têm uma forte influência sobre a formação de educadores. Mas, a existência de práticas efetivas como as que a gente consegue fazer dentro das universidades, dos institutos federais, e já com experiências em algumas escolas, foi possível pelo Pronera, porque o Pronera financiou isto. O Pronera abriu as portas das universidades e dos institutos federais e financiou esta forma de funcionamento dos cursos por meio da modalidade da alternância. Então, é possível a gente afirmar, passados os 20 anos, que a gente não teria o que tem hoje se não tivesse havido o Pronera.

**O Pronera atendeu mais de 164.000 alunos nestes 20 anos, concentrando 94% deste atendimento à EJA Fundamental<sup>3</sup>. O que é preciso para que se avance na escolarização dos povos do campo?**

**Clarice Aparecida Santos** - Esses números da EJA demonstram a grande necessidade que se tem ainda do desenvolvimento de projetos de Educação de Jovens e Adultos, do analfabetismo que temos no Campo, que ainda é, em média, 23%. Os desafios para a escolarização, eles estão, fundamentalmente, na condição de ter políticas públicas universalizantes, é aquilo que eu falava do “chegar na escola”.

Nós ainda temos muitos projetos de EJA de alfabetização, e os projetos de alfabetização de jovens e adultos que hoje estão acontecendo, seja pelo Pronera, ou por outros programas estaduais, eles estão recebendo adolescentes de 13 e 14 anos que se escolarizaram, mas continuam semianalfabetos. Saíram analfabetos da escola. Então, é o problema do sistema de ensino: escolarizar.

O grande desafio que a gente tem está vinculado com esse desafio de “chegar na escola”. E não é apenas ter escola. Nós até temos escola. Os jovens, mal ou bem, que vivem no Campo,

---

<sup>3</sup> Dados retirados do texto “Razões para mudar o mundo: a educação do campo e a contribuição do Pronera” de Bernardo Mançano Fernandes e Rebecca Tarlau. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v38n140/1678-4626-es-38-140-00545.pdf>>. Acesso: Jun./2018.

a nossa juventude brasileira, as crianças estão nas escolas. Mas, as escolas são péssimas. São péssimas por uma série de razões. Têm razões de infraestrutura, mas, têm razões pedagógicas. Quando você faz, organiza uma escola centrada em fazer exames e avaliações educacionais, exames periódicos, essa escola não ensina, ela treina, e uma escola que treina não escolariza. Não eleva o nível cultural do povo, não eleva o nível cultural da juventude. A juventude continua sedenta por uma educação, e a Educação do Campo cumpre com esse papel na sociedade brasileira. Ela cumpre com esse papel de dizer que é possível a gente pensar uma escola, uma educação que atenda, que esteja à altura dos interesses e das necessidades dessa diversidade de povo que a gente tem no Brasil.

A Educação Indígena também fez isto. A Educação Indígena conquistou isto antes da Educação do Campo. Nós aprendemos com a Educação Indígena que é possível a gente institucionalizar a educação que é necessária e que esteja de acordo com os interesses dessa diversidade que a gente tem nesse país. Então, pensar uma Educação Quilombola, pensar Educação da Reforma Agrária, pensar a Educação do Campo como um todo que trabalha com isto, é você pensar um projeto pedagógico que trabalhe com a realidade, com aquilo que é o mundo real onde a juventude vive hoje, e quais são as necessidades desse povo.

Escolarizar não só ofertar níveis de escolarização. Escolarizar é a escola cumprir com aquilo para o qual ela existe, para o qual ela foi criada.

### **Além da educação escolarizada, quais outras contribuições que se pode destacar do Pronera para as comunidades camponesas?**

**Clarice Aparecida Santos** - A Educação do Campo traz com ela... O Miguel Arroyo sempre dizia isto: “a educação é uma porta de entrada; a escola é uma porta de entrada para outras coisas”. Nós temos hoje, por exemplo, um vigoroso processo de recuperação da cultura camponesa. Seja fora das escolas, nos movimentos sociais, populares, sindicais que estão no âmbito da Educação do Campo, tem um processo vigoroso de recuperar essa cultura, ressignificar essa cultura. Fazer com que o povo conheça aquelas coisas que são da história, mas que, assim como a educação, não estavam também no seu universo: cinema, teatro, música de qualidade. A nossa pretensão de elevar o nível cultural das comunidades, isto a gente percebe muito dentro dos movimentos hoje: uma cultura geral.

Uma cultura geral de gostar de ler, buscar conhecimento, viajar, apreciar uma boa música, apreciar um teatro, um cinema. Isto que é do ser humano, que não é só trabalhar.

Porque essa perspectiva da educação conservadora que a gente conhece, é uma perspectiva conservadora mesmo, é cada um no seu lugar, no seu canto, com as suas coisas. Uma das grandes contribuições que todo esse processo tem é que os camponeses se sentem cidadãos e cidadãs universais. Pertencem a esse mundo. Esse mundo é seu! Não existe mais um lugar destinado a determinado tipo de povo. Nós somos do mundo! Perdemos o medo; perdemos a vergonha de ser camponês. Instituiu-se essa questão do orgulho: “eu sou camponês!” Isto é motivo de orgulho e não mais motivo de vergonha. Tinha aquela coisa do “padrão de se vestir camponês”; isto foi desmontado. Não existe padrão de se vestir camponês. Nós desconstituímos muito a cultura, por exemplo, em relação ao caipira e às festas juninas, que eram tratadas como ridicularização do camponês. Aos poucos, você vai mudando isto, porque as pessoas vão conhecendo história, as pessoas vão conhecendo como se instituíram determinadas tradições que são de uma visão autoritária e conservadora de mundo, não são dos camponeses. Então, você recupera isto... A gente poderia falar de várias coisas, mas, o que resume é dizer assim: os camponeses são camponeses universais; cantar o universal é a minha aldeia, e a minha aldeia é universal. Essa consciência é uma das coisas mais importantes que se criou.

**A legislação avançou significativamente nesses 20 anos (decretos, diretrizes, portarias, resoluções), o que dela realmente foi consolidado?**

**Clarice Aparecida Santos** - Nada do que se estabeleça em lei você pode dizer que está consolidado no Brasil, vide os últimos tempos. A gente sempre trabalhou com uma concepção de que “vamos instituir em lei que está assegurado. Vamos botar na Constituição que está assegurado”. Nem a Constituição está mais assegurada. Você altera a Constituição ao bel prazer de quem tem maioria, de quem hegemoniza as ideias dentro de um parlamento; e um parlamento que a gente tem que é completamente, na sua maioria absoluta, comprometida com o grande capital. Você não assegura mais nada. Mas, nós nos preocupamos sim, em instituir em legislações, em decretos... o Pronera está no decreto da Política Nacional de Educação do Campo; o Pronera é uma lei aprovada pelo Congresso Nacional. Nós temos portarias, nós temos resoluções do Conselho Nacional de Educação. Para que elas servem? Elas servem como ferramenta de luta. Elas servem para a gente brigar por elas. Se a gente não tem, a luta é mais difícil de se fazer. A legislação, a instituição no ordenamento jurídico do Estado, ela nos dá ferramentas para fazer a luta, para chegar no município e dizer para o prefeito que nós temos Diretrizes Operacionais aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. Para dizer que a

gente pode fazer um processo de formação de educadores pela Escola da Terra com uma universidade; para dizer que eu posso fazer um curso de formação de educadores de graduação em alternância, pós-graduação em alternância. A legislação não assegura rigorosamente. Rigorosamente, ela não assegura. Mas ela assegura na medida em que ela dá suporte para as reivindicações e para as agendas que vão aparecendo no Campo em relação ao direito à educação.

### **Como os movimentos sociais podem ser destacados nesse percurso histórico da Educação do Campo?**

**Clarice Aparecida Santos** - Se os movimentos sociais não tivessem puxado e protagonizado isto, isto tudo não existiria também. Nós fomos aprendendo que a nossa democracia é uma democracia sem povo, e uma democracia sem povo não tem capacidade de assegurar direitos. É só com o povo organizado que você assegura. Foi a luta do MST, desde a retomada da luta pela terra, lá na década de 1980, que construiu todas as condições para, na década de 1990, ir juntando muita gente, muito apoio, para criar o Pronera, e do Pronera criar a “Articulação por uma Educação do Campo”, e depois criar tudo que a gente tem até hoje; as políticas todas com as quais a gente foi – num período de abertura do governo Lula, especialmente, depois na sequência, o governo da Dilma, e naquela abertura daquele tempo histórico – afirmando as coisas. Mas sempre foram os movimentos. A gente nunca tentou fazer nada sem os movimentos, mas se a gente tentasse, a gente não teria nada. Porque é a pressão, é a ocupação de terra, é a ocupação do MEC, é ocupação do INCRA; é ocupação das superintendências, é ocupação das prefeituras; ocupar uma estrada e instalar uma sala de aula no meio do asfalto, isto quem faz são os movimentos sociais. A universidade não vai fazer isto. As prefeituras e os estados não vão fazer isto. Isto quem faz é o povo organizado.

Neste tempo histórico, neste percurso desses 20 anos, foram os movimentos que deram a organização, não só a mobilização, não só as lutas de massa, mas a própria organização desses movimentos. O MST ter um setor de educação. A CONTAG ter um setor de formação e uma diretoria de políticas sociais que envolve a luta por todos os direitos. A gente ter a RESAB; a gente ter a UNEFAB, das Escolas Famílias-Agrícola; a gente ter os movimentos dos pequenos agricultores e tantos outros, isto é fundamental. Foi e continuará sendo. Se a gente quiser superar esse momento de retrocesso que estamos tendo, nós só superaremos com eles.

### **Neste percurso, mudou o olhar da sociedade civil sobre os povos do Campo?**

**Clarice Aparecida Santos** - Eu estou convencida de que sim. Sim. Embora a nossa sociedade seja uma sociedade conservadora, seja uma sociedade preconceituosa em média, formada historicamente para ser assim. Não é culpa dela, o nosso processo social foi assim. Essa luta toda que vem com os movimentos e vem para a educação em relação aos povos do Campo, mudou muito nos últimos anos.

Há controvérsias, é claro, mas, todo esse movimento levou para a sociedade civil uma outra visão de Campo, porque rejeitou uma visão de Campo do atraso, como lugar do atraso, o lugar do não direito, um lugar da não existência das coisas. Todos esses movimentos mostraram para a sociedade que nós somos capazes de fazer um campo de direitos. Um campo que é moderno, não porque é do agronegócio, não porque tem maquinaria, não porque tem veneno. É moderno, porque moderno é ser esclarecido; moderno é ter conhecimento; moderno é ser crítico; moderno é ter uma visão crítica sobre o mundo; moderno é ter acesso a livros; moderno é lutar por uma vida melhor; ser moderno é lutar por direitos. Ser moderno é dizer: “eu tenho direito a uma moradia no Campo, uma moradia digna”. Então, toda essa concepção que vem dos movimentos sociais se instituiu, e isto vai mudando a visão da sociedade civil sobre o Campo, mas muito mais porque o Campo colocou uma nova visão sobre si mesmo para a sociedade civil, do que ela mesmo ter mudado.

### **Os cenários político e econômico do Brasil atual refletem de que maneira na Educação do Campo?**

**Clarice Aparecida Santos** - Esse cenário que estamos vivendo, depois do golpe de 2016, é um cenário de retrocessos em relação aos direitos sociais e de avanço do capital sobre todos os setores da nossa vida, da sociedade. E a Educação do Campo sofre diretamente, porque na medida em que tem cortes... por exemplo, a Emenda Constitucional 95 que congela o teto de gastos – do que eles chamam de gastos, mas na verdade estamos falando de congelar investimentos, de maneira geral, no processo de desenvolvimento econômico, social e cultural do país –, ela congela possibilidades de ampliar direitos. Nós ainda estamos na luta de ampliar direitos, nós ainda estamos no meio dessa batalha, porque poucas pessoas da sociedade tiveram acesso a isto.

Nós não fizemos transformações sociais, que é o que nós devemos fazer. Então, no ambiente de golpe, de teto de investimentos, de corte no orçamento das escolas, das universidades, da educação, quem são os primeiros atingidos? Os pobres, os negros, os camponeses, aqueles que dependem, sim, do papel do Estado, que dependem sim de ter políticas públicas, dependem de bolsas para estar na universidade, dependem de ter um RU gratuito para poder fazer suas refeições na universidade; dependem de bolsa para comprar material escolar.

Então, para nós do Campo, ela chega antes do que chega para ..., porque se houver cortes de recursos para financiar as licenciaturas em Educação do Campo, você não pode ter mais alternância, porque como é que você vai pagar hospedagem e alimentação no período em que eles ficam na universidade? Nós não teremos mais. E não ter alternância significa não ter mais o povo do Campo na universidade.

Então, esses retrocessos, eles recaem... O corte no orçamento do Pronera, que em dez anos teve um corte de 90% - nós tínhamos 70 milhões em 2008 e temos 3 milhões, em 2018 – , como é que você vai financiar a existência e a abertura de novos cursos, de alfabetização? Então, sim. Esse momento do golpe, de retrocessos gerais políticos e econômicos no país vai sim impactar diretamente a Educação do Campo. E para isto, nós temos que reorganizar a nossa luta, reorganizar a nossa capacidade, a nossa força de resistência com o que temos e de enfrentamento para a gente não perder o que a gente conquistou. Mas, aí, isto significa você continuar a fazer luta para ampliar direito, para você, no mínimo, resistir com o que você tem hoje.

### **Qual o seu olhar para os próximos 20 anos do Pronera e da Educação do Campo?**

**Clarice Aparecida Santos** - Não dá para a gente pensar os desafios para os próximos 20 anos do Pronera e da Educação do Campo se a gente não se comprometer, primeiro, em fazer uma luta geral de transformações da sociedade. Nós temos que seguir fazendo isto. Afirmar um projeto soberano de desenvolvimento nacional, onde esteja inserida a educação e todos os direitos.

Segundo, é a gente se inserir cada vez mais na luta da sociedade, dos setores organizados que lutam por uma educação pública de qualidade, com todos os requisitos que nós defendemos, com gestão pública, ou seja, contra a invasão do capital por meio das suas empresas dentro da educação, seja na cidade, seja no Campo por meio do agronegócio.

Então, é uma luta geral por um novo modelo de desenvolvimento, por assegurar que a educação por ser um direito de todos tem que ser pública com gestão pública e não privada. E para a Educação do Campo nós temos este grande desafio: nosso grande desafio é enfrentar o projeto educativo das escolas do Campo. Seguir com os cursos do Pronera, porque eles são uma referência de formação de educadores, de profissionais. Colar a escola em um novo projeto de Campo que tenha como base a agroecologia, a cooperação. Pensar colado na reforma agrária popular, o que significa continuar lutando por reforma agrária. Sem reforma agrária não tem Pronera, não tem Educação do Campo, porque sem reforma agrária nosso povo não fica mais no Campo, o agronegócio vai tomar conta, vai expandir território, não vai ter mais população no Campo. Para que ter Educação do Campo se nós não vamos ter povo no Campo?

O grande desafio da Educação do Campo é refletir a educação colada nas questões da escola, mas coladas lá na realidade do Campo. É fazer a luta pela educação junto com os trabalhadores que estão fazendo essa luta por um novo modelo de agricultura, por um novo projeto de agricultura. Ela vai dar base para um novo projeto educativo. Ganha sentido um projeto educativo quando ele está colado na realidade, quando ele está colado nos desafios da realidade. Os desafios da realidade são desafios imensos. Nós vivemos no país um processo de crise, a crise é geral, mas, nós temos uma crise ambiental, nós temos uma crise hídrica, nós temos uma crise política, nós temos uma crise sobre as formas de existência do povo no Campo.

A expansão do agronegócio, das empresas de mineração, dos grandes projetos de barragens que empurram o nosso povo para fora... Não adianta a gente pensar a nossa escolinha lá, bonitinha, vamos fazer Educação do Campo, botar um girassol na porta, e ela ficar isolada do contexto geral se a avalanche do capital destrói todas as formas de vida. A escola tem que dar sentido a isto; a educação dá sentido a isso. O papel da Educação do Campo é dizer que todas essas lutas que nós fazemos por terra, por água, por território dos quilombolas, dos indígenas, têm que ser lutas que humanizem; tem que ser lutas que permitam que o povo continue vivendo ali da melhor maneira possível, se realizando como pessoas humanas naqueles lugares, tendo acesso a tudo que a humanidade produziu de melhor, ter acesso aos bens culturais. O papel da educação é esse: dar sentido e significado a essa vida e a essas lutas. É incorporar nessas lutas aquelas agendas que lidam com a perspectiva da emancipação humana. A emancipação do seu processo humano de desenvolvimento. Então, o grande desafio do Pronera e da Educação do Campo, daqui para frente, é colar, cada vez mais, nessas grandes lutas que terão que ser feitas pela sociedade brasileira, e, especialmente, pelos os trabalhadores

e pelas trabalhadoras do Campo. E chegar nas escolas. Tem que chegar na escola. Ela é formadora da sociedade. Ela é uma agência formadora fundamental.